

EUA entendem o peso da dívida

por Paulo Sotero
de Nova York

O encontro de 40 minutos que o presidente José Sarney teve ontem com o secretário de Estado norte-americano, George Shultz, não revelou, aparentemente, nenhuma aproximação significativa nas posições dos dois países. Sarney, que recebeu Shultz, o embaixador norte-americano na ONU, general Vernon Walters, e dois outros funcionários, em sua suíte do Hotel Intercontinental, começou agradecendo a carta que o secretário de Estado lhe mandara na noite anterior, parabenizando-o por seu discurso nas Nações Unidas. Na carta, que

Sarney só leu na manhã de ontem, Shultz reiterou a concordância de Washington com a defesa da democracia feita pelo presidente brasileiro. Afirmou, além disso, que o presidente Ronald Reagan é o maior obstáculo do protecionismo nos EUA.

Um parágrafo da carta foi dedicado à questão da dívida, que, segundo escreveu Shultz, constitui uma "preocupação central" do governo norte-americano.

O presidente brasileiro disse, a seguir, que o Brasil, que já demonstrou internamente, no dramático episódio da morte do presidente Tancredo Neves, sua capacidade de resolver os problemas pela via da con-

ciliação, deseja ser fonte de estabilidade também na superação dos problemas colocados pela dívida externa dos países da América Latina. Para isso, disse o presidente, é necessário que a América Latina e os EUA procurem pensar em conjunto sobre os problemas e buscar uma "partilha de responsabilidades".

Sarney repassou, então, as principais iniciativas havidas em seu governo, nos campos político-institucional e econômico, e lembrou que, para conseguir os saldos comerciais necessários para continuar pagando o serviço de sua dívida, o Brasil tem de ser competitivo. Numa referência indireta à política

nacional de informática, o presidente afirmou que o País conseguiu manter sua competitividade até agora porque, por um lado, alcançou um nível tecnológico avançado em alguns setores e, por outro, o salário mínimo do País é de US\$ 50.

Com o recente aumento do protecionismo, acrescentou Sarney, os problemas do País para manter saldos elevados da balança comercial se intensificaram. Shultz, depois de manifestar seu apreço pelo papel crucial desempenhado por Sarney no episódio da sucessão, verificou que o presidente está "no controle do País" e felicitá-lo pelo clima de normalidade que

o Brasil vive, disse que compreendia as dificuldades provocadas pela dívida externa.

A solução é simples e ela se resume na palavra crescimento, disse Shultz. Mas a questão-chave e que até agora não foi respondida, é como chegar até lá. Há obstáculos a serem superados, acrescentou, e dois deles são a inflação e o déficit fiscal.

O secretário de Estado notou, a seguir, que, ao lado da superação desses obstáculos, se deve estimular o crescimento através de incentivos. É recomendável que entre os incentivos estejam mecanismos capazes de atrair para o País mais capital de giro.